

Índice

Introdução	4
Um dia normal de escola.....	5
Retrospectiva histórica.....	9
• A rede de Bibliotecas Públicas.....	9
• A rede das Bibliotecas Escolares.....	11
• Níveis de Leitura e literacia dos jovens portugueses	12
• O Plano Nacional de Leitura.....	14
• Dinamização das Bibliotecas escolares.....	16
Mediador de Leitura e Animador de Leitura.....	16
• O que é a mediação da leitura?	16
• Qual é o perfil de competências para um animador de leitura?	19
• O que é a animação da leitura?.....	19
• Qual é o perfil de competências para um animador de leitura?.....	23
• Saber	24
• Saber Fazer.....	28
• Saber Ser.....	30
Conclusão	32
Bibliografia	34
Anexos	
• Entrevista ao Dr. João M. Teixeira Lopes	
• Entrevista à Dra. Violante Magalhães	

- Entrevista ao Dr. Rui Veloso

Introdução

Este trabalho foi realizado por Inês Duarte Martins e Alexandra Vilhena Martins, no âmbito da *Pós-graduação em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores*, na unidade curricular de **Projecto de Investigação**, orientada pelo Dr. João Gouveia

O trabalho que desenvolvemos tem como objectivo traçar o perfil do profissional de animação de leitura, no contexto escolar.

Numa primeira abordagem, faremos uma retrospectiva histórica que justifica a pertinência do nosso objecto de estudo. Em seguida, propomos a diferenciação dos conceitos de “mediação de leitura” e animação de leitura”, e serão descritas as competências que, resultantes da nossa pesquisa efectuada, pensamos caracterizar cada um dos conceitos. Esta caracterização será, pois complementada pelas diferentes perspectivas apresentadas pelos especialistas na área da Leitura, que entrevistámos, assim como por alguns autores especialistas na área da leitura e na formação de leitores que tivemos oportunidade de ler.

O perfil de competências do Animador de Leitura, está dividido por áreas de saber, para uma melhor organização e para uma maior compreensão da nossa proposta.

Eliminado: ¶

Era Uma Vez um Dia Normal de Escola

“Era uma vez um dia normal de escola.

Um rapaz como tantos outros acordou normalmente dos seus sonhos, levantou-se como era normal da sua cama, fez como normalmente um chi-chi, tomou normalmente o banho normal, vestiu a roupa normal, e tomou o seu pequeno-almoço normal.

Esse mesmo rapaz lavou normalmente os dentes, despediu-se normalmente da mãe e saiu de casa em direcção à escola, como normalmente fazia.

Andou normalmente pelas mesmas ruas, passou normalmente pelas mesmas lojas e atravessou as mesmas avenidas, também normalmente, enquanto meditava normalmente nos mesmos pensamentos.

Ao chegar à escola, esse mesmo rapaz, igual a tantos outros, jogou futebol como era habitual, exactamente com os mesmos amigos, até soar o toque para a entrada nas aulas, como normalmente.

O rapaz igual a tantos outros entrou na sala habitual e sentou-se na sua mesa, como era normal. Foi então que aconteceu algo de absolutamente fora do normal...

- Bom dia a todos! – disse alguém, com um ar absolutamente extraordinário, ao entrar de rompante na sala. – Eu sou o vosso novo professor e chamo-me Gee.

- Ainda não nos conhecemos uns aos outros, mas eu tive uma ideia que vai ajudar-me a conhecer-vos melhor...

- Nesta nossa primeira aula, quero que ouçam música, que deixem que a melodia vos faça lembrar imagens e que essas imagens se soltem das vossas

cabeças. Está entendido? – ia dizendo o professor enquanto distribuía uma folha de papel a cada aluno.”

- Ele é estranho! É meio tonto! É mesmo doido! Música? Desenhos? Qual é a ideia dele? – cochicharam os alunos uns para os outros, como normalmente – Silêncio, fechem os olhos, abram bem os ouvidos e ouçam! - continuou o professor.

E a música começou a soar: eram ritmos retumbantes, ribombantes, por vezes ensurdecedores, que progrediam e se espalhavam ruidosamente por toda a sala.

De repente, a música parou. Então, o professor disse:

- Ora digam lá o que a música vos fez lembrar!

Uma das raparigas respondeu, entusiasmada:

- Cavalos a galope!

Outro aluno disse: - Não. Era uma corrida de carros!

E o rapaz como tantos outros disse: - Eu vi elefantes, professor, centenas de elefantes!

- Muito bem! – disse o professor, rindo-se. – Não acharam maravilhoso? Agora quero que cada um tente escrever na folha em branco o que ouviu. Vamos lá, todos a escrever!

E enquanto os ritmos progrediam e regrediam repentinamente, rodopiavam e voltavam a rodopiar, o rapaz como tantos outros escrevia. Por vezes, não entendia perfeitamente as palavras que utilizava e a história parecia não fazer sentido, mas isso não era importante e nem sequer o preocupou. Escrevia tão rápido quanto conseguia e, mesmo assim, sentia que precisava de escrever mais rápido ainda – havia tanto para dizer! Era como se existisse dentro da sua cabeça um dique que, de repente, ao abrir-se, a inundava de palavras...e as palavras divertiam-no como os brinquedos, e sentia-se mergulhado naquele jogo – o jogo de contar histórias.

Era uma coisa extraordinária, fora do normal...

E os seus colegas?

Alguns escreveram histórias sobre gigantes e outros sobre coisas mágicas. Algumas raparigas escreveram sobre raparigas corajosas e alguns rapazes escreveram sobre rapazes com cicatrizes mágicas que lhes davam grandes poderes.

Alguns escreveram muito pouco, porque a música não lhes fazia lembrar muita coisa e a Pauline, por exemplo, preferiu ler a sua revista preferida.

Houve quem escrevesse histórias que pudessem agradar ao professor e uns transformaram-se em heróis, enquanto outros preferiram ser os malvados da história. E o Bily até adormeceu.

- Talvez esteja a sonhar! – disse o professor.

E, no final desse extraordinário dia de escola, o rapaz como tantos outros viu o professor entrar no seu carro.

- Professor – disse ele -, esta foi a melhor aula que já tive.

Nunca me tinha acontecido tal coisa, foi mágico!

- Continuas a pensar que eu sou doido? – perguntou o professor, a sorrir.

O rapaz como tantos outros corou até às orelhas.

*- Estou ansioso por ler a tua história, hoje à noite! – acrescentou o professor.
– Até amanhã!*

E desapareceu por entre uma nuvem de pó, ao sair os portões da escola.

À hora de dormir o rapaz como tantos outros vestiu o pijama habitual, lavou os dentes e fez chi-chi, como normalmente, deu um beijo à mãe, tal como era normal, e deitou-se na cama habitual...mas teve sonhos extraordinários.”

Colin McNaughton

Ao realizarmos este projecto de investigação, quisemos começá-lo com uma história. A história de um menino “normal”, com uma rotina “normal”, inserido numa escola igual a tantas outras, até ao dia em que é visitado por um professor diferente.

Devemos perguntar-nos: “Quem é este professor?”

Pela história, sabemos que é um professor novo, desconhecido pelos alunos e que resolve trazer no seu primeiro dia de aulas, música. Seguidamente, este professor incentiva a que os alunos fechem os olhos, ouçam a música com atenção e que, desse exercício, partiu para a descrição das imagens que lhes passavam pela cabeça. No final, convida-os a escreverem sobre “o que ouviram” e “o que viram”.

“ - Muito bem! – Disse o professor, rindo-se. – Não acharam maravilhoso? Agora quero que cada um tente escrever na folha em branco o que ouviu. Vamos lá, todos a escrever!”

Este professor, da forma como é descrito na história, pode ser um animador de leitura, ao realizar uma actividade de escrita criativa, utilizando a música como estratégia.

“E enquanto os ritmos progrediam e regrediam repentinamente, rodopiavam e voltavam a rodopiar, o rapaz como tantos outros escrevia. Por vezes, não entendia perfeitamente as palavras que utilizava e a história parecia não fazer sentido, mas isso não era importante e nem sequer o preocupou. Escrevia tão rápido quanto conseguia e, mesmo assim, sentia que precisava de escrever mais rápido ainda – havia tanto para dizer! Era como se existisse dentro da sua cabeça um dique que, de repente, ao abrir-se, a inundava de palavras...e as palavras divertiam-no como os brinquedos, e sentia-se mergulhado naquele jogo – o jogo de contar histórias.”

Colin McNaughton

A presente investigação tem como objectivo traçar o perfil de competências do animador de leitura no 1º ciclo, justificando desde já, a necessidade de formação de futuros profissionais que consigam dar respostas reais aos problemas que a escola coloca no domínio da formação de leitores. De acordo com Cerrillo “la necesidad del conocimiento especializado se hace patente en un campo en el que, en demasiadas

ocasiones, el desinterés social y la infravaloración del estatus de animador, há llevado a una falta de preparación profesional, que hoy día es inadmisibile.” (Cerrillo, Pedro. 2002:11).

Esta conjuntura desfavorável, que é apontada pelo Professor Pedro Cerrillo, não se centra apenas no actual panorama social espanhol, uma vez que, se assiste, no caso português, ao mesmo problema.

Recuemos então.

Contexto histórico

A rede de Bibliotecas Públicas

“Em 1987, por iniciativa da então Secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia, e na sequência do relatório de um grupo de trabalho constituído para o efeito, sob coordenação de Maria José Moura (Relatório sobre as Bibliotecas Públicas em Portugal, 1986), foi lançado o Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas.

O primeiro objectivo do Programa era dotar todos os concelhos do País de uma Biblioteca Pública, de acordo com os princípios e normas estabelecidos internacionalmente. Tratava-se de uma tarefa que, à partida, se revelava difícil, uma vez que em Portugal não existiam praticamente bibliotecas que funcionassem de acordo com esses princípios: serviços diversificados para adultos e crianças, colecções abrangentes e em diferentes suportes, empréstimo domiciliário, livre acesso às estantes, etc.” (www.dglb.pt)

Para perceber o surgimento e desenvolvimento de uma Rede de Bibliotecas Escolares, foi necessário o investimento e a valorização da Rede das Bibliotecas Públicas. As bibliotecas construídas posteriormente à apresentação do programa das Redes de Bibliotecas Públicas, tiveram que obedecer a uma lógica de

organização de espaço e de resposta a novos públicos que até então não eram valorizados. As bibliotecas anteriores ao programa sofreram profundos processos de remodelação, ampliação de espaços e diferentes formas de organização de acordo com o novo modelo implementado.

As bibliotecas eram espaços essencialmente vocacionados para o empréstimo domiciliário dirigidos a um público adulto e para consulta presencial de periódicos destinados a públicos não activo profissionalmente (idosos e reformados).

O público infantil pouco frequentava as bibliotecas porque o horário destas, para além de coincidir com o horário escolar, não apresentava nenhum tipo de motivação para a presença deste tipo de público, a não ser por recomendação de um livro por parte de um professor, que fazia com que os alunos fossem à biblioteca requisitar o livro.

Com esta alteração na organização das bibliotecas, estas deixaram de ser apenas locais de consulta bibliográfica e passaram a disponibilizar diferentes recursos. Timidamente, começaram a surgir “cantos” nas bibliotecas. Os vídeos começaram a surgir, e em seguida, passaram a coexistir com os computadores. Os utentes passaram a poder usufruir das diferentes valências que a biblioteca dispunha.

O “sacrossanto” lugar da biblioteca, caracterizado por um grande “chiiuuu”, passou lentamente a ser conquistado pelas crianças, e dentro das bibliotecas passaram a haver risos, posturas informais, cadeiras e mesas pequeninas, mantas no chão, estantes baixinhas...

A organização do fundo bibliográfico manteve-se mas as crianças já podiam ver os livros, não por lombadas, mas dispostos em escaparates e, sobretudo, ao acesso de um gesto.

No interior do país, isolado dos maiores centros urbanos, meritoriamente, a Fundação Calouste Gulbenkian criara um projecto de bibliotecas “fixas” e itinerantes que supriam as lacunas deixadas pelo Estado.

São hoje muitas as referências e testemunhos provenientes de todos os sectores da vida nacional que relacionam o gosto pela leitura com a forma como os livros lhes foram dados a conhecer pelos motoristas das carrinhas das bibliotecas itinerantes.

Estes primeiros “animadores” apenas possuíam a crença e o entusiasmo missionário. A facilidade de comunicação e a empatia estabelecida com as crianças faziam o resto. Os motoristas fixavam-lhes os nomes, os gostos e ajudavam a alimentar-lhes projectos de vida.

Claro que tudo isto parecia suficiente num país que não apostava no aumento da escolaridade de todos e no acesso à formação ao longo da vida. E que muito menos apostava no acesso à leitura como fonte de prazer e de fruição estética...

A Rede das Bibliotecas Escolares

“Face aos pressupostos atrás enunciados decidiu o Ministério da Educação em parceria com o Ministério da Cultura criar o Programa Rede de Bibliotecas Escolares em 1996, tendo como objectivo principal a instalação de bibliotecas escolares nas escolas de todos os níveis de ensino. Considerou-se, assim, que a criação de uma rede de bibliotecas constituía uma das medidas da política educativa nacional.” (www.rbe.pt)

Em 1996, é constituída a Rede de Bibliotecas escolares, dando seguimento ao trabalho desenvolvido anteriormente. A criação das bibliotecas escolares veio desenvolver novos modelos de aprendizagem, promovendo hábitos de leitura, de pesquisa e de produção de documentos, apresentados em diversos suportes com diferentes tipos de linguagens. A aprendizagem deixa de estar confinada apenas ao espaço da sala de aula e aos professores. *“A biblioteca/mediateca escolar, no final dos anos 90, tem de ser parte de um projecto pedagógico inovador, que estabeleça novas formas de relação com o saber, novas formas de organização dos espaços e dos tempos, novas formas de aprendizagem dos alunos e, sobretudo novas formas/conteúdos de formação dos professores”.* (Pessoa, A. 1994:111).

Assim, a Rede de Bibliotecas Escolares, lança um conjunto de princípios tendo em vista a criação destes espaços regidos pelos mesmos parâmetros:

- *As bibliotecas escolares são recursos básicos do sistema educativo, sendo-lhes reconhecido um papel central nos domínios da leitura e da literacia, da*

aquisição de competências de informação e do aprofundamento da cultura, em geral;

- *Cada biblioteca deve constituir-se como um centro de recursos educativos multimédia de livre acesso, destinado à consulta e à produção de documentos em diferentes suportes;*
- *As bibliotecas escolares constituem núcleos fundamentais da organização pedagógica das escolas e instrumentos essenciais do desenvolvimento curricular, afectos às actividades de ensino e actividades curriculares não lectivas, e também à ocupação dos tempos livres e de lazer;*
- *O desenvolvimento da biblioteca de uma escola deve ser entendido como um processo endógeno, se bem que estimulado e sustentado do exterior, e como uma inovação organizacional capaz de induzir mudanças na própria escola, sendo, nesta medida, indissociável do seu projecto pedagógico;*
- *Para cumprir os seus objectivos, as bibliotecas devem dispor de um conjunto de condições: espaço e equipamento adaptados à diversidade das suas funções, fundo documental ajustado aos interesses e necessidades da comunidade escolar, uma equipa de professores e técnicos com formação adequada e uma dotação orçamental própria. (www.rbe.min-edu.pt)*

Níveis de Leitura e literacia dos jovens portugueses

Apesar de terem sido canalizados esforços no sentido de melhorar os níveis de leitura e literacia da população escolar, os resultados apresentados pelos alunos nas primeiras provas de aferição 2000, estavam longe de serem satisfatórios e, desde logo, o país percebeu que com níveis tão baixos de compreensão leitora dificilmente se competiria no mercado de trabalho na União Europeia..

No ano de 2003, são lançados os resultados do relatório de PISA (Project International Student Assessment) De acordo com os resultados obtidos nas estatísticas apresentadas, o nível de proficiência na leitura literária, por parte dos alunos, mais uma vez revelava que o desempenho dos alunos se mostrava insuficiente para os desígnios nacionais.

Entre os 30 países, Portugal ocupava o 24^a lugar do ranking. O valor médio da OCDE situava-se em 19,1% para os níveis muito baixos de literacia e Portugal detinha 22,4%. Quanto aos níveis mais altos de literacia, enquanto o valor médio da OCDE era de 8,3%, em Portugal apenas se registava 3,8%.

De acordo com o relatório de PISA 2003, “os países com melhores resultados têm níveis muitíssimo superiores de acompanhamento de aulas e de professores. A este nível Portugal apresenta dos níveis mais baixos de percentagem de acompanhamento (5% em Portugal, 61% na média da OCDE).” (Organização dos estados ibero-americanos para a educação, ciência e cultura <http://www.oeibrpt.org/>)

*“Os resultados relativos a avaliação de níveis de leitura (literacia de leitura) revelam que Portugal se encontra numa situação muito desfavorável. Os primeiros elementos, publicados em 2000, colocaram 48% dos jovens portugueses nos patamares inferiores (1 ou 2) de uma escala de 5 níveis. E entre a primeira apresentação de resultados e a seguinte, em 2003, não se detectou evolução positiva. Também os resultados das provas de aferição, realizadas no final do 1.º Ciclo, tornaram evidente que a **maioria das crianças faz a transição para o 2.º Ciclo sem ter adquirido competências básicas no domínio da leitura e da escrita.**”* (Organização dos estados ibero-americanos para a educação, ciência e cultura <http://www.oeibrpt.org/>)

No ano lectivo de 2004/2005 foram apresentados os resultados da prova de aferição realizadas no final do 1º ciclo. Estes resultados vieram comprovar que a maioria dos alunos que transitava para o 2º ciclo não reunia o conjunto das competências básicas na área da leitura e da escrita. Em 2006, voltam a ser publicados os resultados da prova de aferição (4º e 6º ano de escolaridade) desse ano, e Portugal situa-se no 31º lugar, entre os 56 países onde foi aplicada a prova. O nível de literacia dos alunos portugueses, neste caso, aproxima-se da média dos restantes países, embora o número de inquiridos tenha sido ligeiramente inferior (472) ao ano

de 2003 (478). Estes resultados comprovam que os níveis de literacia dos alunos portugueses continuam a ser preocupantes.

O Plano Nacional de Leitura

Em 2006, para dar resposta aos baixos níveis de literacia e promover hábitos de leitura e a formação de públicos leitores, o Ministério de Educação em articulação com o Ministério da Cultura avançou com um Plano Nacional de Leitura, estratégia já implementada por países da União Europeia e por alguns estados sul-americanos. “*O Plano Nacional de Leitura tem como objectivo central elevar os níveis de literacia dos portugueses e colocar o país a par dos nossos parceiros europeus.*” (<http://planonacionaldeleitura.org.pt>)

O *Plano Nacional de Leitura* conta já com 3 anos de existência, e de acordo com os relatórios de avaliação da O.I.E. (Organização dos estados Ibero-Americanos para a Educação, Ciência e Cultura), é dado “*o balanço positivo do primeiro ano do Plano Nacional de Leitura (PNL), o Governo vai continuar a apostar na promoção da leitura, reforçando o investimento na rede de bibliotecas escolares, de modo a que, até ao final deste ano lectivo, todas as escolas públicas do ensino básico estejam integradas nesta rede. Em 2008, a Rede de Leitura Pública também será reforçada com 20 novas bibliotecas.*”

O Plano Nacional de Leitura conta já com o envolvimento de mais de 7500 estabelecimentos, o que revela que pelo menos um milhão de crianças já assistiram e desenvolveram actividades no âmbito da promoção da Leitura. Segundo um inquérito realizado pelo CIES/ISCTE, “*70 por cento, os professores notaram progressos no domínio da leitura.*”

Para o governo, a questão da Leitura tornou-se basilar e para justificar essa “atenção”, em 2009, o governo e as autarquias pretendem investir mais 3 milhões de euros, para além dos investimentos realizados anteriormente, no equipamento das bibliotecas escolares, na oferta de formação para professores e bibliotecários. O governo garante “*que até ao final deste ano lectivo, todas as escolas públicas do*

ensino básico estejam integradas na rede de bibliotecas escolares.”

A conclusão da rede de bibliotecas escolares, até ao final deste ano lectivo, e o desenvolvimento do PNL, ao longo dos próximos nove anos, serão determinantes para dar continuidade à promoção de hábitos de leitura na população escolar e na população em geral. (<http://www.oeibrpt.org/>)

É neste contexto que Teresa Calçada, responsável pela Rede das Bibliotecas Escolares afirma, num depoimento disponibilizado pelo Plano Nacional de Leitura no site www.youtube.com que a promoção da leitura exige uma maior mobilização por parte dos principais responsáveis pela educação dos mais jovens. Deste modo, sublinha que se torna indispensável formar educadores, professores, bibliotecários, animadores e mediadores de leitura, para além de pais e encarregados de educação e, quanto a estes últimos, destacando o papel das mães no despertar precoce do gosto pela leitura. No inquérito realizado aos hábitos de leitura dos portugueses, em 2007, “*Hábitos de Leitura da População Escolar*”, coordenado por Mário Lages, a importância do papel das mães foi valorizado na criação de hábitos de leitura. “*as raparigas, de modo significativo, lêem mais e gostam mais de ler do que os rapazes – e o nível socio-económico – em que os agregados familiares onde há maior grau de instrução da mãe e os filhos frequentam o ensino privado se mostram mais interessados no mundo dos livros.*” (<http://www.gepe.min-edu.pt>)

A leitura passou a estar no centro das atenções/preocupações dos governantes. As escolas, por todo o país, estão a ser dotadas de ferramentas “indispensáveis” para a melhoria do desempenho e sucesso escolar dos alunos. Hoje assistimos à entrega do portátil Magalhães, à implementação de quadros interactivos nas escolas, ao apetrechamento das redes de bibliotecas escolares, etc. As escolas, lentamente, preparam-se para enfrentar a Sociedade da Informação e do Conhecimento.

Dinamização das Bibliotecas escolares

Até agora, os bibliotecários escolares eram essencialmente recrutados de entre os professores com dispensa total ou parcelar de componente lectiva. A partir de 1996 houve a preocupação por parte do M.E. de fornecer formação específica a que foram chamados todos os professores que assim o desejassem. Partiu-se da motivação para a tarefa, ao contrário da obrigatoriedade de permanência na escola num espaço que era considerado como de menor exigência para aqueles cuja a avaliação médica tinha remetido para tarefas menos exigentes. O trabalho que estes desenvolviam resumia-se essencialmente às funções de organização do fundo bibliográfico e do arquivo da biblioteca, e à disponibilização dos livros através de requisições dos alunos. Muitas vezes, as tarefas incluíam a vigilância dos alunos indisciplinados, uma vez que as bibliotecas foram locais de “castigo”, de isolamento de alunos das turmas, o que levou ainda mais à aversão, por parte destes, pela frequência destes espaços.

Hoje, felizmente, tudo parece ter mudado ou estar em vias de mudança.

Mediador de Leitura e Animador de Leitura

Ao longo da nossa investigação, fomos-nos deparando com o conceito de mediador de leitura e animador de leitura, e ambos os conceitos não surgem claros na sua distinção. Muitas vezes, o perfil de mediador confunde-se com o papel de animador de leitura e pensamos que este é um ponto importante de análise.

O que é um mediador da leitura?

Segundo as leituras que efectuámos, o papel do mediador é, antes de mais, o de facilitar o acesso à informação. De acordo com Ana Maria Pessoa (1994:105,106), o perfil de um mediador deve passar por:

- Divulgar os espaços existentes na biblioteca, os documentos que possui e as modalidades de utilização dos mesmos.
- Incentivar a utilização dos recursos aí existentes
- Rentabilizar os espaços (utilização para encontros, colóquios, reuniões de trabalho, etc.
- Promover a formação dos utilizadores em geral e dos professores em particular – discussões sobre os regulamentos a implementar, reuniões para aquisição/produção de documentos.
- Apoio à produção de diaporamas, registos vídeo, utilização das novas tecnologias na biblioteca,
- Divulgação de projectos ou experiências,
- Realização de oficinas/ateliers de trabalho sobre referências bibliográficas, pesquisa documental, etc.

Pensamos que é nesta linha de preocupações que se insere o mestrado de Promoção e Mediação da Leitura, existente na Escola Superior de Educação João de Deus, em que podemos encontrar, através da análise da composição do curso, o perfil que os seus autores pensam ser o de um mediador de leitura.

No mestrado proposto podemos deduzir do título “*Promoção e Mediação da Leitura*” e da organização do plano de estudos que um mediador de Leitura se constrói pela sua capacidade comunicacional em promover o livro, o divulgar; por possuir competências organizacionais e de gestão e dinamização de bibliotecas escolares, públicas e outras unidades documentais; por utilizar as novas tecnologias ao serviço da biblioteca e dos utilizadores; por promover estratégias promotoras do livro e da Leitura, da actividade escrita; e, do ponto de vista científico, por apresentar conhecimentos na área da literatura portuguesa e especificamente da literatura infantil. No que diz respeito à animação, está poderá ser, ou não, promovida através de unidades curriculares destinadas à implementação de dinâmicas de grupos e às de promoção e mediação de leitura, uma vez que, há falta do descritivo de cada unidade curricular se admite a hipótese destas virem a incluir actividades de animação.

Promoção e Mediação da Leitura

Conteúdos Curriculares:

1.º Semes.	Unidades Curriculares	Credits.	Obsrv.
	Promoção e Mediação da Leitura I	10	
	Leitura em Contextos Terapêuticos	2,5	Opção 2*
	Dinâmica de Grupos	2,5	Opção 2*
	Língua Portuguesa e Estimulação da Leitura	7,5	
	Oficina de Escrita Criativa	2,5	Opção 1*
	Oficina de Leitura e Texto Dramático	2,5	Opção 1*
	Organização, Gestão e Dinamização de Bibliotecas Escolares, Públicas e outras Unidades Documentais	7,5	
2.º Semes.	Unidades Curriculares	Credits.	Obsrv.
	Promoção e Mediação da Leitura II	10	
	Leitura Portuguesa e Literatura Infantil	7,5	
	Ferramentas TIC no Conhecimento e Informação	7,5	
	Metodologia de Investigação	5	
3.º Semes.	Unidades Curriculares	Credits.	Obsrv.
	Metodologia de Investigação II	5	
	Seminário de Acompanhamento de Estágio I	5	
	Estágio I	20	
4.º Semes.	Unidades Curriculares	Credits.	Obsrv.
	Seminário de Acompanhamento de Estágio II	5	
	Estágio II	25	

O Plano Nacional de Leitura disponibiliza-nos também um perfil de competências de um “mediador” de leitura, mas que de acordo com a nossa pesquisa bibliográfica, este perfil enquadra-se mais facilmente no profissional animador de leitura.

Vejamos:

De acordo com o Plano Nacional de Leitura um mediador de leitura tem como função:

- Sensibilizar para a importância da leitura desde a primeira infância, para a criação do gosto pela leitura e a construção progressiva da autonomia do leitor
- Promover o contacto precoce com o livro
- Narrar histórias
- Ter técnicas de leitura em voz alta
- Encontrar estratégias de animação centradas na relação entre a leitura e a escrita, e entre a leitura e as expressões plástica, musical, poética, teatral
- Utilizar as novas tecnologias e da informação *on-line* para a experimentação da leitura e da escrita
- Criar instrumentos informáticos interactivos que estimulem a Leitura
- Promover o contacto com o universo da poesia
- Informar sobre livros, literatura para a infância e para a juventude

O que poderemos considerar, então, a animação de leitura?

Objectivo da animação de leitura

Segundo Cerrillo, “El objetivo único de la animación de la lectura debiera ser la mejora de los hábitos lectores de los individuos a quienes se dirige la animación, hasta lograr crear en ellos hábitos lectores estables. (...) hoy entendemos como animación la lectura (...) el conjunto de actividades, técnicas y estrategias que persiguen la práctica de la lectura, aunque teniendo en el horizonte la meta de formar lectores activos...” (Cerrillo, Pedro.2002.)

Para Glória Bastos (1999) deve fazer-se uma distinção entre a leitura individual e a animação. Se a leitura é um acto individual, voluntário, silencioso, que exige esforço, atenção e concentração num ambiente calmo, a animação de leitura é um acto colectivo, social, dirigido que implica ruído, mobilidade com um carácter lúdico, festivo e gratuito. Desta forma, a animação implica estratégias como a leitura em voz alta, da parte de professor e dos alunos, bem como momentos partilha de leitura

e debate em grupo e até elaboração de textos diversos sobre as leituras feitas. Segundo esta autora, neste domínio, não há "receitas infalíveis nem fórmulas mágicas, mas é na variedade das experiências tentadas e na troca de conhecimentos, que cada animador vai ganhando confiança" O animador deve ser um entusiasta na leitura e um trabalho de animação deve ser um trabalho sistemático, recorrendo a uma grande diversidade de estratégias.

Para Mercedes del Manzano (1985) no desenvolvimento da comunicação com a criança tem que se atender aos gestos, à mímica e ao movimento que ocupam um lugar tão importante como a palavra". Segundo a sua perspectiva, é muito importante que o animador de leitura seja capaz de desenvolver, ao mesmo tempo que a capacidade de leitura e a expressão oral, as capacidades que compõem as diversas linguagens da acção: expressão gestual, corporal, mimo, pantomina e dramatização

Para complementar alguns aspectos relacionados à construção de um perfil de um animador de leitura, entrevistámos alguns especialistas, de diferentes áreas.

Os entrevistados foram escolhidos por possuírem curriculum académico relevante, associado a investigações realizadas na área da leitura, da sua promoção e animação.

No caso do Professor João Miguel Teixeira Lopes, a investigação realizada desde 1997, ano em que publicou as "Tristes Escolas - Práticas Culturais Estudantis no Espaço Escolar Urbano", onde desenvolve, entre outras, as questões ligadas aos hábitos de leitura dos jovens portugueses, foi determinante na nossa opção. Este professor é também autor e co-autor de diversos estudos sobre práticas de leitura em contextos de biblioteca. Actualmente, continua a desenvolver investigação na área da sociologia cultural, em torno dos impactos sociais da cultura nos quotidianos dos espectadores, no sentido de propiciar uma comunicação mais estreita entre as instituições culturais e os públicos.

Segundo Teixeira Lopes, na entrevista realizada no âmbito desta investigação, “o profissional será um animador que descobre, com as crianças (...), os livros e os mundos que dentro dos livros habitam, favorecendo a imaginação, o jogo de linguagens e a transição entre o escrito e o pictórico (da banda dos livros) e o verbal e o não-verbal (da banda das crianças). Tão importante como passar de códigos restritos a códigos elaborados será, a meu ver, o estabelecimento de pistas entre a realidade e o onírico, bem como o desenvolvimento de um espaço-tempo interior/individual que se conjugará com um espaço-tempo de grupo e de equipa. Animar para quê? Para fazer dos espaços de leitura, «ocasiões» e «oportunidades».”

Quanto às entrevistas realizadas à Professora Violante Magalhães e ao Professor Rui Veloso, devem-se ao facto destes serem professores do Ensino Superior, ligados à Formação de Professores, e colaborarem com a Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas na formação de mediadores de leitura. São também autores de numerosos artigos sobre Literatura para a Infância e Juventude, em que analisam o papel da Leitura na formação de crianças e jovens. No caso da Professora Violante Magalhães, acresce ainda o facto de ser também a coordenadora do Mestrado em *Promoção e Mediação da Leitura*, apresentado pela Escola Superior de Educação João de Deus, em Lisboa

De acordo com Rui Veloso, “Uma profissão surgida nos últimos anos é a de animador cultural ou socioeducativo. Com um estatuto no mercado de trabalho, por vezes, indefinido, os animadores têm conquistado um espaço interessante no desenvolvimento de numerosas actividades, onde se inclui a de mediação de leitura. É evidente que não bastam o empenhamento e o entusiasmo para realizar um bom trabalho, ainda que eles possam marcar a diferença. A sua formação generalista exige também um efectivo investimento em pós-graduações ou em cursos especializados que lhes proporcionem um domínio de saberes indispensáveis às boas práticas; ser leitor ajudará a aprofundar o conhecimento no domínio da leitura literária, mas igualmente noções básicas de biblioteconomia, de forma a superar os desafios que irão surgir quotidianamente. Não confundamos a animação da leitura com a dos tempos livres; são áreas distintas, embora aquela possa encontrar espaço nos momentos de lazer da criança. Saber narrar histórias, dizer poesia ou

montar um texto dramático exige muito trabalho e muitas leituras, para que as opções sejam adequadas e a preparação teórica as possa sustentar.

Num excelente artigo sobre mediação leitora, Pedro Cerrillo aponta várias características que considera serem fundamentais para a definição do perfil do profissional nesta área específica. Entre elas, encontramos a referência a uma formação literária, psicológica e didáctica; com efeito, é impensável falarmos de mediação sem com isso pressupor que esse trabalho necessita de ser desenvolvido em termos de competência literária, de técnicas de animação e de algumas noções psico-pedagógicas. Exceptuando os pais ou avós, que colmatam limitações nos campos atrás referidos com a ternura insubstituível dos laços afectivos, o mediador, que é no fundo um animador de leitura, terá de dominar o discurso linguístico em termos pragmáticos e de ser capaz de contagiar os destinatários com o seu entusiasmo e com a sua capacidade de partilha. Podemos, assim, constatar que a elaboração de um curriculum para a animação de leitura terá de abarcar áreas diversas, já que não há prática que dispense uma boa formação teórica; para lá disso, são indispensáveis o empenho no trabalho, o gosto pela inovação e pela experimentação, a consciência de que são as pequenas vitórias que produzirão os frutos desejados são valências a ter em conta.”

A entrevista de Violante Magalhães indicia-nos algumas das competências que devem estar presentes no perfil do animador de leitura.

- *Ser leitor (científico e literário)*
- *Conhecer as características sociolinguísticas e culturais do público com quem vai trabalhar*
- *Saber escolher textos adequados ao público*
- *Conhecer as diferentes modalidades de animação de textos e saber implementá-las, aplicando-as aos diferentes textos*
- *Saber criar, gerir e dinamizar bibliotecas escolares*
- *Saber criar, gerir e dinamizar comunidades de leitura; clubes do livro; feiras do livro, etc.*

- *Ter um conhecimento teórico que lhe permita conferir significado à leitura no quadro da Sociedade da Informação e do Conhecimento*

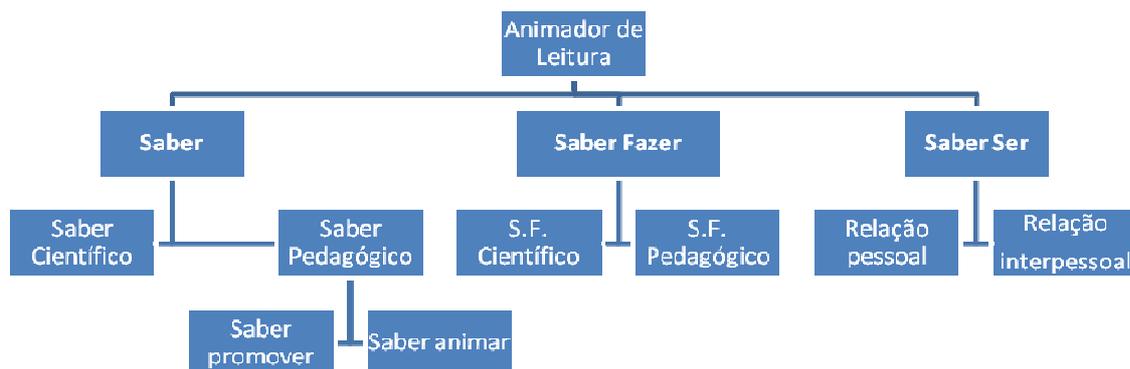
Cada um dos entrevistados, de acordo com as perguntas que lhes foram colocadas (ver entrevistas em anexo), foi consensual quanto à importância da existência de um profissional de animação de leitura, em contexto escolar. A importância da construção de um perfil de competências a fim de homogeneizar esta nova “profissão”, foi também do acordo de todos.

Aliás, segundo Rui Veloso “*O justo equilíbrio entre uma formação generalista e o aprofundamento em áreas muito específicas, em particular a leitura literária e a pragmática linguística, dará ao animador de leitura um horizonte de aplicabilidade indispensável à definição das melhores estratégias para a consecução dos principais objectivos, onde pontifica a construção de uma autonomia de leitura, ou seja, o poder de ler.*”

Podemos, agora, avançar com uma proposta para um perfil de competências.

Qual é o perfil de competências para um animador de leitura?

Ao longo da nossa investigação, fomos recolhendo, através da análise bibliográfica e dos testemunhos deixados pelos entrevistados, algumas pistas para a construção de um perfil de competências de um animador de leitura. Assim, agrupámos as várias competências que constroem o perfil do animador de leitura.



Dentro de cada uma das áreas, aparecerão discriminadas cada uma das competências, que passamos a apresentar:

1 - Saber

1.1 - Saber científico

- Ser leitor proficiente
- Ter conhecimento sobre diversas tipologias artísticas
- Ter uma boa “enciclopédia pessoal” (conceito de Umberto Eco)
- Estar actualizado em relação às últimas publicações na área da literatura Infanto-juvenil
- Conhecer um corpus textual no domínio da Literatura Oral e Tradicional e da Literatura Contemporânea, nacional e estrangeira na área Infanto-juvenil, extenso, rico e diversificado.
- Identificar as estratégias discursivas que caracterizam as obras de literatura como destinadas a públicos infanto-juvenis
- Identificar os recursos técnico-expressivos que caracterizam as obras de literatura infanto-juvenis

- Conhecer exemplos de boas práticas na área de dinamização de literatura infantil e juvenil
- Reconhecer a Literatura como catalizadora de emoções/sensações
- Reconhecer o poder sinestésico de uma obra
- Reconhecer nos autores, marcas de estilo
- Reconhecer nos ilustradores, marcas de estilo
- Conhecer as principais correntes artísticas
- Saber enquadrar uma obra face ao contexto histórico/social/universo pessoal do autor
- Identificar e analisar o valor metafórico das obras
- Analisar as relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita
- Desenvolver atitudes críticas perante uma obra
- Conhecer os comportamentos emergentes de leitura e a forma de os promover
- Conhecer formas de promoção do desenvolvimento linguístico
- Compreender e analisar problemas que possam surgir ao nível da adequação ao contexto comunicacional da linguagem oral e escrita
- Identificar dificuldades específicas no domínio da competência leitora
- Identificar e seleccionar conhecimento actualizado de temas que marcam a agenda cultural contemporânea
- Identificar e seleccionar conhecimento actualizado de temas que marcam a agenda artística contemporânea
- Saber ler interpretativamente um texto
- Saber construir inquéritos
- Saber analisar dados decorrentes de inquéritos
- Saber definir estratégias de superação das dificuldades detectadas nos inquéritos
- Comunicar, oralmente e por escrito, com correcção linguística
- Identificar as fases necessárias para a elaboração de um projecto de investigação

- Conhecer e saber seleccionar métodos e técnicas qualitativas e quantitativas para a recolha e análise de informação.
- Organizar a informação recolhida
- Saber sintetizar a informação recolhida
- Definir programas de dinamização da leitura, em contexto escolar
- Ter noção de espaço numa encenação
- Ter noção de ritmo numa encenação
- Conceber cenários
- Utilizar a luz como recurso cénico
- Utilizar o som como recurso cénico
- Saber observar diferentes modelos da intervenção musical
- Saber comparar diferentes modelos da intervenção musical
- Conhecer algumas técnicas primárias de expressão plástica
- Conhecer mecanismos de avaliação dos projectos que lhes estão confiados
- Seleccionar os recursos em função dos objectivos a atingir
- Seleccionar os materiais em função dos objectivos a atingir
- Conhecer técnicas de elaboração de cartazes e de outros recursos comunicacionais
- Equacionar a importância da linguagem escrita na sociedade actual (construção de blogues, utilização de plataformas on-line, etc.)
- Reconhecer as funções e objectivos da organização dos espaços em que decorrem actividades de animação de leitura (bibliotecas públicas, bibliotecas escolares) estão organizados
- Possuir noções de tratamento técnico-documental de diferentes tipologias textuais em diferentes suportes de leitura.
- Organizar uma biblioteca de acordo com as regras de biblioteconomia
- Possuir formação qualificada no domínio da utilização das TIC, necessário à gestão da biblioteca
- (...)

1.2 - Saber pedagógico

1.2.1 – Saber promover

- Valorizar o livro, apresentando as suas características e mais-valias em relação a outros suportes em papel
- Promover a construção de bibliotecas pessoais, por parte dos alunos
- Promover a utilização correcta da Língua Portuguesa (oral e escrita)
- Promover o papel da Expressão Musical na animação da Leitura
- Promover o papel da ilustração na animação da Leitura
- Promover o papel da Expressão dramática na animação da Leitura
- Promover o papel das artes plásticas na dinamização da leitura
- Promover o envolvimento das famílias na construção de hábitos de leitura
- Disponibilizar informação que oriente as famílias na compra de livros
- (...)

1.2.2 – Saber animar

- Escolher livros adequados à idade dos destinatários, ao seu contexto social e competência literária.
- Adequar a periodicidade das actividades de leitura, de acordo com as capacidades dos destinatários.
- Escolher histórias com tamanho/tempo adequados à capacidade de concentração dos destinatários.
- Adequar as actividades de animação de leitura à história, personagens e seus ambientes.
- Adaptar uma obra em função da idade/ano de escolaridade, dos alunos
- Planear estratégias de dinamização de Leitura
- Saber ler interpretativamente um texto, sublinhando as informações mais importantes
- Adequar a informação aos suportes comunicativos
- Dinamizar estratégias que estimulem a competência textual por parte das crianças

- Elaborar planos, documentados, para as principais actividades, rentabilizando os recursos humanos e materiais existentes
- Basear o planeamento das actividades em previsões realistas
- (...)

2 - Saber Fazer

2.1– Saber fazer científico

- Utilizar diversos tipos de linguagem verbal e não verbal, para comunicar
- Saber aplicar estratégias de superação das dificuldades detectadas nos inquéritos
- Estabelecer regras de funcionamento dos diferentes espaços, onde decorram actividades de promoção/ dinamização da Leitura
- Organizar estantes respeitando as regras de biblioteconomia
- Conceber fichas de leitura
- Construir cenários
- Construir guiões de leitura verbal
- Construir guiões de leitura de imagens
- Construir guiões de texto dramático
- Adaptar texto narrativo para texto dramático
- Construir adereços e recursos cénicos
- Saber dividir etapas de trabalho e criar pontos de controlo para avaliação das mesmas
- Desenvolver competências ao nível da construção, utilização e avaliação de recursos educativos digitais
- Desenvolver estratégias que permitam utilizar o computador como ferramenta pedagógica em função das actividades propostas.

- Utilizar a avaliação nas suas diferentes modalidades e áreas de aplicação, como elemento regulador e promotor da qualidade das suas práticas e da sua própria formação
- Utilizar plataformas de e-learning no processo ensino-aprendizagem
- Implementar, gerir e avaliar projectos de intervenção
- (...)

2.2 – Saber fazer pedagógico

- Interagir com o público fazendo com que participe na história
- Motivar os alunos a discutirem, entre si, os livros lidos
- Desmistificar juízos de valor relativamente à relação entre o tamanho dos livros e o seu grau de dificuldade.
- Adequar as estratégias de animação de leitura em função do grupo
- Adequar o discurso aos diferentes públicos e aos contextos comunicativos
- Organizar os livros nas estantes, em função do acesso aos utentes
- Criar ambientes propícios à leitura
- Adaptar fichas de leitura a destinatários específicos
- Construir bases referenciais de autores, ilustradores, pintores, músicos, etc. junto dos alunos
- Organizar os espaços em função dos exercícios
- Adaptar, em função das idades, actividades de expressão plástica de apoio/desenvolvimento da leitura
- Produzir materiais e actividades que promovam a leitura e a escrita criativa adequados aos níveis de compreensão leitora.
- Desenvolver estratégias de feedback por parte das crianças em relação às leituras efectuadas
- (...)

3 - Saber Ser

3.1 – Relação pessoal

- Demonstrar uma postura ética
- Assumir as responsabilidades que lhe forem confiadas
- Assumir uma postura de abertura perante o Outro, não discriminando em função de qualquer tipo de preconceito
- Demonstrar consideração pelos direitos do Outro, agindo de forma clara e honesta.
- Assumir a responsabilidade dos seus actos e das suas opiniões
- Expressar as suas ideias de forma clara
- Valorizar o rigor na informação
- Valorizar o aprofundamento do conhecimento
- Equacionar as diversas perspectivas e pontos de vista sobre uma mesma questão
- Apresentar opiniões fundamentadas
- Demonstrar firmeza nas decisões tomadas
- Apresentar soluções em tempo útil e de forma pertinente
- Contribuir com alternativas em situações difíceis
- Procurar identificar antecipadamente possíveis obstáculos e antever soluções
- Tomar decisões de qualidade com impacte significativo nos resultados do projecto, mesmo sob pressão
- Perspectivar os seus espaços de intervenção como espaços de educação inclusiva e de intervenção social, no contexto de uma formação integral de leitores
- Demonstrar capacidade de observação e de análise crítica
- Demonstrar autonomia e criatividade na resolução de problemas
- (...)

3.2 – Relação interpessoal

- Aceitar a crítica quando fundamentada
- Utilizar estilos comunicacionais de tipo assertivo
- Controlar as suas emoções de forma a não prejudicar a comunicação
- Estar atento
- Reconhecer e utilizar a experiência e o relacionamento interpessoal como oportunidades de crescimento
- Demonstrar preocupação e respeito para com a comunidade educativa
- Utilizar estilos de comunicação diferenciados de acordo com o contexto.
- Adaptar o seu estilo de liderança às diferentes características dos elementos das equipas com quem trabalha
- Obter o cumprimento das suas orientações através do respeito e adesão.
- Adotar um estilo de liderança participativo, aceitando os pontos de vista
- Dar apoio e mostra-se disponível sempre que alguém necessita
- Mostrar apreço pelo bom desempenho das pessoas com quem trabalha
- Integrar grupos de planificação, reflexão e avaliação das práticas de dinamização de leitura.
- Envolver a comunidade educativa na construção de um projecto de promoção de leitura
- Fomentar o desenvolvimento da progressiva autonomia dos leitores.
- Respeitar as diferenças culturais e pessoais dos membros da comunidade educativa, valorizando as diferentes perspectivas e culturas
- Desenvolver estratégias com as famílias visando a criação de hábitos de leitura.
- Gerir conflitos
- Integrar-se em equipas multidisciplinares
- (...)

Conclusão

A questão da Leitura, hoje em dia, é considerada uma das temáticas de maior importância quando se fala do desenvolvimento social, cultural, tecnológico de uma sociedade do conhecimento e da informação.

Saber ler, compreender e interpretar são fases de um processo moroso que muitas vezes não está ao alcance da maioria.

Como vimos, ao longo desta investigação, Portugal encontra-se numa posição bastante desfavorável em comparação com os seus parceiros europeus, no que diz respeito aos níveis de literacia. Os resultados enunciados pelos relatórios do PISA, ao longo dos anos, assim como os resultados apresentados nas provas de aferição indiciam que há um longo caminho a percorrer na formação de leitores competentes.

Várias estratégias foram implementadas, a nível governamental, como o caso da implementação da Rede das bibliotecas Públicas, Rede das Bibliotecas Escolares, Plano Nacional de Leitura, entre outras. Foram canalizadas verbas directamente nas escolas e autarquias para o equipamento e apetrechamento das Bibliotecas Escolares e Públicas.

Apesar do investimento, consideramos que a formação de profissionais competentes, para desenvolverem estratégias de formação de públicos leitores ainda está muito á quem das expectativas.

A nossa investigação veio propor a construção de um perfil de um profissional de animação de leitura em contexto escolar, porque entendemos a urgência de profissionalizar esta área. É urgente rentabilizar os recursos e os materiais que hoje são disponibilizados e promover actividades de animação de leitura. Cada vez mais, os contextos de aprendizagem transcendem a sala de aula, e os alunos enfrentam uma sociedade globalizada em que existem mais e maiores desafios à sua compreensão leitora.

Este perfil que aqui se apresenta é ainda um primeiro esboço que precisará de mais tempo para ser aferido, no entanto, queremos deixar o nosso contributo, que deverá ser aprofundado.

Que este perfil que aqui se desenha, consiga ser mote para a formação de professores “mágicos” na sua intervenção.

“E, no final desse extraordinário dia de escola, o rapaz como tantos outros viu o professor entrar no seu carro.

- Professor – disse ele -, esta foi a melhor aula que já tive.

Nunca me tinha acontecido tal coisa, foi mágico!

- Continuas a pensar que eu sou doido? – perguntou o professor, a sorrir.

O rapaz como tantos outros corou até às orelhas.

- Estou ansioso por ler a tua história, hoje à noite! – acrescentou o professor.

– Até amanhã!”

In Era Uma vez um dia normal de escola

Colin McNaughton

Bibliografia

- ALONSO, Luísa .ROLDÃO, Maria do Céu . *Ser professor no 1º ciclo*,Edições Almedina. Coimbra: 2005
- BASTOS, Glória. *Literatura Infantil e Juvenil*. Universidade Aberta. Lisboa: 1999
- CERRILLO, Pedro et alii . *Libros, lectores y mediadores*. Ediciones de la Universidad de la Mancha, Cuenca: 2002
- CERRILLO, Pedro, PADRINO, Jaime G. *Hábitos Lectores y Animación a la Lectura*. Ediciones de la Universidad de Castilla La Mancha. Cuenca: 1996
- COLOMER, Teresa. *Andar entre libros*. Fondo de Cultura Económica México: 2005
- DIAZ, José Q. *La animación Lectora en el aula*. Tecnicas, estrategias y recursos. Editorial CCS. Madrid: 2005
- FILLOLA, António Mendoza. *Tú Lector*.Octaedro.Barcelona:1998
- FILLOLA, António Mendoza et aliiis. *Textos entre textos. Las conexiones textuales en la formación del lector*. Horsori Editorial. Barcelona: 2008
- GUERRERO, José G. *Actividades de Dinamización desde la Biblioteca Escolar*. Ediciones Algibe. Málaga: 2002
- LAGES, Mário F. et alii. *Os estudantes e a leitura*. GEPE.Lisboa:2007
- MANZANO, Mercedes G. del. *A Criança e a Leitura: Como fazer da criança um leitor*. Porto Editora. Porto: 1998
- MCNAUGHTON, Colin. *Era uma vez um dia normal de escola*.Gatafunho Lisboa:2005
- MORENO, Victor. *El deseo de leer*. Pamiela. Plamplona: 2005
- PESSOA, Ana Maria. *A Biblioteca Escolar*.Campo das Letras.Porto: 1994
- RUEDA, Rafael . *Recrear la lectura: Actividades para perder el miedo a la lectura*. Narcea. Madrid:1997

Sites consultados

- <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1576>
- www.casadaleitura.org
- <http://www.dglb.pt>
- www.evora.net
- www.gave.min-edu.pt
- <http://www.gepe.min-edu.pt>
- www.gulbenkian.pt
- www.min-edu.pt
- <http://www.oeibrpt.org>
- <http://www.planonacionaldeleitura.org.pt>
- <http://www.portugal.gov.pt>
- www.rbe.min-edu.pt
- <http://www.youtube.com/watch?v=jLCn-rWfri4&feature=related>

ANEXOS

1 - Entrevista

Esta entrevista foi realizada no âmbito da disciplina de Projecto de Investigação, integrada na Pós-graduação de Supervisão e Formação de Formadores a decorrer na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

As questões colocadas visam a construção de um perfil de um profissional de Animação de Leitura, no contexto do 1º ciclo do Ensino Básico.

Nome: **João Miguel Teixeira Lopes**

Ocupação: **Professor Associado com Provas de Agregação na
Faculdade de Letras da Universidade do Porto.**

Habilitações académicas: **Mestrado, Doutoramento e
Provas de Agregação em Sociologia**

Instituição: **Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

Data: **7 de Dezembro de 2008**

- **Parece-lhe pertinente formar profissionais especializados em animação da Leitura para desenvolver projectos de promoção da leitura em contexto do 1º ciclo de ensino básico?**

Sem dúvida. Esses profissionais, aliás, não têm de ser necessariamente professores. Podem fazer parte de equipas educativas coadjuvantes. Creio que é fundamental pensar na leitura como uma acção contextualizada e não tanto em termos de um conjunto de objectos tradicionais e legítimos. Dito de outra forma, defendendo um afastamento claro face ao modo de relação com a leitura enquanto prática de uma cultura legítima. Nesse sentido, o profissional será um animador que descobre, com as crianças (insisto em referir crianças e não alunos, uma vez que a esta distinção subjaz uma importante diferença conceptual), os livros e os mundos que dentro dos livros habitam, favorecendo a imaginação, o jogo de linguagens e a transição entre o escrito e o pictórico (da banda dos livros) e o verbal e o não-verbal (da banda das crianças). Tão

importante como passar de códigos restritos a códigos elaborados será, a meu ver, o estabelecimento de pistas entre a realidade e o onírico, bem como o desenvolvimento de um espaço-tempo interior/individual que se conjugará com um espaço-tempo de grupo e de equipa. Animar para quê? Para fazer dos espaços de leitura, «ocasiões» e «oportunidades».

- **Que competências lhe parecem fundamentais no perfil de um animador de leitura?**

Antes de mais, um conhecimento profundo dos mundos da leitura (criação, edição, difusão, recepção). Mas também, como anteriormente referi, competências relacionais que criem laços com as crianças e entre as crianças, o que implica desenvolver cenários de interacção. Igualmente necessárias parecem-me ser as competências interculturais (o que fará dele, inevitavelmente, um animador-mediador), de maneira a respeitar os diferentes modos de relação das crianças com os livros, a leitura e os espaços-tempos de leitura. Importa não «naturalizar» ou legitimar um modo preferencial de relação. Pelo contrário, o fundamental será multiplicar os pontos de vista cognitivos e as posturas, conjugando a política do universal (por exemplo: equidade de acesso) com a política da diferença (por exemplo, respeito da singularidade). Outra competência a exercitar prende-se, precisamente, com a metodologia de projecto, sem esquecer uma visão holística e pluridisciplinar sobre o desenvolvimento pessoal e social.

2 - Entrevista

Esta entrevista foi realizada no âmbito da disciplina de Projecto de Investigação, integrada na Pós-graduação de Supervisão e Formação de Formadores a decorrer na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

As questões colocadas visam a construção de um perfil de um profissional de Animação de Leitura, no contexto do 1º ciclo do Ensino Básico.

Nome: **Violante Magalhães**

Ocupação: **Professor Adjunta na Escola Superior de Educação João de Deus**

Habilitações académicas: **Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesa**

Instituição: **Escola Superior de Educação João de Deus**

Data: **7 de Dezembro de 2008**

- **Parece-lhe pertinente formar profissionais especializados em animação da Leitura para desenvolver projectos de promoção da leitura em contexto do 1º ciclo de ensino básico?**

Sim

- **Que competências lhe parecem fundamentais no perfil de um animador de leitura?**
- Ser leitor (científico e literário)
- Conhecer as características sociolinguísticas e culturais do público com quem vai trabalhar
- Saber escolher textos adequados ao público
- Conhecer as diferentes modalidades de animação de textos e saber implementá-las, aplicando-as aos diferentes textos
- Saber criar, gerir e dinamizar bibliotecas escolares

- Saber criar, gerir e dinamizar comunidades de leitura; clubes do livro; feiras do livro, etc.
- Ter um conhecimento teórico que lhe permita conferir significado à leitura no quadro da Sociedade da Informação e do Conhecimento

3 - Entrevista

Esta entrevista foi realizada no âmbito da disciplina de Projecto de Investigação, integrada na Pós-graduação de Supervisão e Formação de Formadores a decorrer na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

As questões colocadas visam a construção de um perfil de um profissional de Animação de Leitura, no contexto do 1º ciclo do Ensino Básico.

Nome: **Rui Veloso**

Ocupação: **Professor Adjunto na Escola Superior de Educação de Coimbra**

Habilitações académicas: **Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesa**

Instituição: **Escola Superior de Educação de Coimbra**

Data: **7 de Dezembro de 2008**

- **Parece-lhe pertinente formar profissionais especializados em animação da Leitura para desenvolver projectos de promoção da leitura em contexto do 1º ciclo de ensino básico?**

Quando falamos de promoção de leitura, estamos a falar de quê? Enquadrar o problema no contexto do 1º ciclo traduz a pertinência da questão, já que é nesta fase da escolaridade obrigatória que as crianças adquirem a ferramenta que é saber ler, para, mais tarde, tornando-se leitores autónomos, possam fruir plenamente o prazer de ler. Ora, promover a leitura ultrapassa largamente o microcosmo escolar para abarcar toda a sociedade, visto que esta terá de se apoiar no conhecimento para alcançar estádios avançados de desenvolvimento. A cidadania exige uma população leitora, com espírito crítico e capacidade de mobilização em redor de projectos estruturantes. Os resultados do PISA dizem-nos que a Escola em Portugal falhou rotundamente, já que os nossos adolescentes, que estão quase em condições de entrar no mercado de trabalho, apresentam níveis de literacia muito baixos. O deficit de leitura de que sofrem pais e avós, transfere-se em larga medida

para eles, agravado pela concorrência poderosa dos artefactos tecnológicos que garantem um prazer imediato, sem esforço e à distância de um simples clique.

Sendo professor, desenvolvi, ao longo da minha vida profissional, actividades que poderiam ser enquadradas no âmbito da mediação de leitura, no sentido lato que a expressão comporta. Vejo a mediação como a construção de pontes entre o livro e o leitor para serem atravessadas sempre que surja o desejo da descoberta do livro e a disponibilidade para o emaravilhamento que este oferece. Nesta perspectiva, creio que todos aqueles que promovem e facilitam o contacto do livro com potenciais receptores assumem o papel de animadores de leitura; é claro que tem de haver uma forte motivação para que as pontes não caiam e o afastamento se torne irreversível. Assim, o animador de leitura terá de ser um leitor compulsivo, conhecedor efectivo dos livros que quer partilhar com os outros, especialmente os que ainda não entraram nesse mundo maravilhoso. Quando o leitor (ou candidato ao estatuto de leitor) é uma criança ou jovem, a animação ganha uma acuidade muito especial, pois estamos num terreno onde as batalhas ganhas em prol da leitura poderão ser decisivas para a construção de seres sensíveis e interventivos no plano social. Consequentemente, o professor ocupará um espaço privilegiado para implementar estratégias de animação. O conhecimento da realidade escolar que, ao longo de muitos anos de docência, fui adquirindo leva-me a ter uma posição ambivalente nesta matéria; na verdade, encontrei colegas no Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico a realizarem um trabalho de mediação muito bem sustentado, já que dispunham de um bom conhecimento dos livros que apresentavam às crianças e sabiam cativá-las para a aventura do ler em plena fruição dos textos – constituíam, porém, uma minoria. Parte significativa dos educadores de infância raramente fazia a promoção da leitura, não investindo numa preparação cuidada nem cultivando estratégias simples como o ritual d' "A hora do conto"; os livros presentes na larga maioria dos jardins-de-infância eram em quantidade reduzida e de má qualidade, fruto da pouca frequência das livrarias e bibliotecas por parte destes profissionais. O problema ganhava uma dimensão preocupante no 1º Ciclo do Ensino Básico, quando constatávamos que muitos alunos passavam quatro anos sem realizarem a leitura integral de livros, limitando-se a excertos presentes em manuais. O professor, aqui, era o exemplo da não-mediação, ou seja, a animação era nula porque estiolara *ab initio*. Ainda hoje, com

um Plano Nacional de Leitura a funcionar em pleno, constato resistências à leitura recreativa por parte de muitos colegas porque eles próprios não são leitores de livros.

Creio que o trabalho que se desenvolve na formação de professores, seja de carácter inicial, seja contínuo, é crucial para a consciencialização das responsabilidades que o docente tem, em termos de ética profissional, no plano da animação da leitura. Parece ser *contra natura* encontrar um professor que não goste de ler... mas eles existem. A mudança de atitudes e de mentalidades passa por um trabalho profundo na sua formação e por uma monitorização do seu trabalho no terreno, com a conseqüente avaliação dos resultados. Muitas vezes verifiquei que um texto literário tem uma força de sedução incrível, sobretudo se soubermos motivar os nossos colegas para a descoberta do potencial ilimitado de um bom livro. Há, pois, uma dupla mediação: a que se pode fazer na formação dos docentes e aquela que virá a ser realizada por estes junto das crianças.

A especialização em animação de leitura tem toda a razão de ser. Vejo-a como uma componente importantíssima na formação dos professores do 1º ciclo, podendo ser adquirida em pós-graduação; seria uma mais-valia, ganhando uma dimensão especial, caso a monodocência, que marca o ensino-aprendizagem do 1º ciclo, desse lugar à presença de várias valências no espaço escolar (o que já sucede com o Inglês e o ensino acompanhado).

Uma profissão surgida nos últimos anos é a de animador cultural ou socioeducativo. Com um estatuto no mercado de trabalho, por vezes, indefinido, os animadores têm conquistado um espaço interessante no desenvolvimento de numerosas actividades, onde se inclui a de mediação de leitura. É evidente que não bastam o empenhamento e o entusiasmo para realizar um bom trabalho, ainda que eles possam marcar a diferença. A sua formação generalista exige também um efectivo investimento em pós-graduações ou em cursos especializados que lhes proporcionem um domínio de saberes indispensáveis às boas práticas; ser leitor ajudará a aprofundar o conhecimento no domínio da leitura literária, mas igualmente noções básicas de biblioteconomia, de forma a superar os desafios que irão surgir quotidianamente. Não confundamos a animação da leitura com a dos tempos livres; são áreas distintas, embora aquela possa encontrar espaço nos momentos de lazer

da criança. Saber narrar histórias, dizer poesia ou montar um texto dramático exige muito trabalho e muitas leituras, para que as opções sejam adequadas e a preparação teórica as possa sustentar.

- **Que competências lhe parecem fundamentais no perfil de um animador de leitura?**

Num excelente artigo sobre mediação leitora, Pedro Cerrillo aponta várias características que considera serem fundamentais para a definição do perfil do profissional nesta área específica. Entre elas, encontramos a referência a uma formação literária, psicológica e didáctica; com efeito, é impensável falarmos de mediação sem com isso pressupor que esse trabalho necessita de ser desenvolvido em termos de competência literária, de técnicas de animação e de algumas noções psico-pedagógicas. Exceptuando os pais ou avós, que colmatam limitações nos campos atrás referidos com a ternura insubstituível dos laços afectivos, o mediador, que é no fundo um animador de leitura, terá de dominar o discurso linguístico em termos pragmáticos e de ser capaz de contagiar os destinatários com o seu entusiasmo e com a sua capacidade de partilha. Podemos, assim, constatar que a elaboração de um *curriculum* para a animação de leitura terá de abarcar áreas diversas, já que não há prática que dispense uma boa formação teórica; para lá disso, são indispensáveis o empenho no trabalho, o gosto pela inovação e pela experimentação, a consciência de que são as pequenas vitórias que produzirão os frutos desejados são valências a ter em conta.

O justo equilíbrio entre uma formação generalista e o aprofundamento em áreas muito específicas, em particular a leitura literária e a pragmática linguística, dará ao animador de leitura um horizonte de aplicabilidade indispensável à definição das melhores estratégias para a consecução dos principais objectivos, onde pontifica a construção de uma autonomia de leitura, ou seja, o poder de ler.